SENADO

PMDB adia decisão sobre sucessão de Renan Calheiros

Quintanilha arquiva processos por quebra de decoro contra o senador alagoano

LEANDRO MAZZINI
BRASÍLIA

Dono da vaga da presidência do Senado por força da tradição na Casa, o PMDB, maior bancada e ainda dividido, adiou para a terça-feira o anúncio do sucessor de Renan Calheiros (AL), que renunciou ao cargo na última terça-feira. A manobra tem dois objetivos. Primeiro, evitar que a sucessão não atropele a votação da Proposta de Emenda Constitucional que prorroga a CPMF, que irá à plenário em primeiro turno na mesma terça. Segundo, levar os quatro nomes que surgiram como candidatos aos líderes da oposição a fim de obter um consenso. O Conselho de Ética do Senado, contudo, dificultou o trabalho do governo ao arquivar outros dois processo contra o senador alagoano.

"Há vários cardeais lançados. O que falta é inspiração divina", brincou o líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR). "O governo não vai ter ingerência nesse resultado. Espera é que seja um parceiro". Em reunião realizada com a bancada ontem no Senado, em que apareceram 19 dos 20 senadores – só Renan faltou – quatro peemedebistas se lançaram. Garibaldi Alves (RN), Leomar Quintanilha (TO), Neuto de Conto (SC) e Valter Pereira (MS).

Ainda não há consenso. No entanto, todos eles foram considerados bons nomes pelos pares, mas quem surge como favorito é o único que pediu votos sob os holofotes: o potiguar Garibaldi Alves. Pesa a seu favor, ainda, o apoio do DEM e do PSDB. Garibaldi foi praticamente lançado pelo líder tucano, Arthur Virgílio. E é aliado local de Agripino Maia em Natal, o líder do DEM no Senado. "Pelo fato de eu ser um candidato, é natural que eu me abstenha de votar nessa escolha. Mas se eu não tivesse adversário, seria ótimo", disse Garibaldi.

O que o Planalto menos quer é uma disputa em plenário se não houver um nome do PMDB que seja consenso. Seria um desgaste muito grande. E quem aposta nisso é o tucano Virgílio. Lembrou que o governo terá de conseguir 49 votos para aprovar a CPMF e,

ROMERO JUCÁ
Senador do PMDB

depois, pelo menos 41 para eleger um presidente da Casa aliado do Planalto. Cotado como o preferido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-presidente José Sarney (AP) saiu antes de a reunião acabar. "Não sou candidato em hipótese alguma", disse a jornalistas.

A insistência da bancada continua. O líder do PMDB no Senado, Valdir Raupp (RO), agora trabalha nos bastidores por Sarney, a pedido de Renan. Procurou ontem à tarde o líder do PSDB para incitar um debate. Hoje pela manhã voltam a se encontrar. Mas, oficialmente, Raupp desconversa que trabalhe o nome de Sarney. "Estou levando a ele os quatro nomes. E ainda não me deu resposta. É importante que não haja disputas", observou Raupp.

O PSDB veta Sarney. Ficou claro na voz de Virgílio, há alguns dias, e ontem, quando o líder foi referendado pelo presidente do PSDB, o senador Sérgio Guerra. "O melhor é escolherem um presidente que possa nos ouvir, e que não leve o Senado a outra crise", lembrou Guerra.

O PMDB insistirá em Sarney, apesar de ele negar candidatura. Sarney só aceita o cargo se houver consenso dentro do partido e na oposição, o que aos olhos dos pares está cada vez mais difícil. Daí Garibaldi surgir como opção mais palatável. Ontem, o senador admitiu que deve ser critério no partido o "currículo" dos colegas. Ou seja, tem mais chances quem não tem problemas com a Justiça e que, futuramente, não deixe o PMDB na linha de tiro da oposição.

Quintanilha é outro nome fora do jogo depois que anunciou o arquivamento do quarto e quinto processos contra o alagoano, representados pelo PSOL e pelo PSDB e DEM, respectivamente. Um deles pela suspeita de "caixinha" em ministérios comandados pelo PMDB. A outra acusação era a de espionagem contra Demóstenes Torres (GO) e Marconi Perillo (GO).